

NOVAS CONSIDERAÇÕES ACERCA D'"O CĀGADO" DE ALMADA NEGREIROS

ou

A RESPEITO DA MOLA PROPULSORA

Carlos Eduardo Schmidt Capela (Unicamp)

"Havia um homem que era muito senhor da sua vontade."

Com esta frase Almada Negreiros dá início ao seu "O Cāgado"¹. E foi de lá também que parti na execução de um pequeno estudo, - publicado nesta mesma Estudos Portugueses e Africanos, no número dois, de novembro de 1983 - onde procuro, a partir da verificação de uma sugestiva troca de posições, que aparece no conto, entre o personagem e o seu adjetivo mais destacado, a "vontade", sugerir um possível percurso de leitura.

E da mesma maneira começo aqui: "havia um homem que era muito senhor da sua vontade".

Naquele estudo tentava mostrar como ela, "vontade", antes, e muito bem, controlada pelo personagem, passa, a partir de um certo momento, no texto, ao "status" de controladora: teríamos então, como já disse, de homem "muito senhor da sua vontade" uma vontade - muito senhora do seu homem. Total inversão.

De homem a vangloriar-se de seu absoluto controle, em relação àquela "propriedade" sua, ao extremo oposto desta - a dominá-lo, desumanizá-lo. O resultado de todo este processo é um indivíduo isolado, desvinculado do tempo e dos homens ("todas as noções de tempo e de espaço, e as outras... pelas quais um homem constata o cotidiano, foram... dispensadas..."), a executar obstinadamente tarefas a serviço de alguma coisa até então nada mais que parte (ainda que importante apenas parte) de seu universo individual.

Mas, aqui e agora, o interesse é outro. Entra em jogo não mais o desenrolar da narrativa, mas sim algo anterior, causativa, que a motiva, a idéia central de onde será possível gerá-la, enfim, sua mola propulsora.

Temos um homem passeando tranquilo pelos arredores de sua cidade. Antes da hora do almoço. E eis que ele avista, no meio da estrada por onde anda, um cāgado, o próprio cāgado dos manuais de zoologia e dos pouco profundos tanques dos zoológicos.

O homem surpreende-se. Chega até bem perto do animalzinho pois até aquele dia nunca havia visto um deles assim, tão ali, frente a frente. E ele considera que

o mesmo na certa acontecia com relação à sua família. Daí que o simples acontecimento daquela visão converte-se imediatamente em potencial novidade. Quando contada em casa, entre as carnes e os legumes. E parte, correndo, com o "fato" na ponta da língua.

Todavia, meio caminho já andado, ainda mais tendo tão forte compromisso com aquela formosa dama, a "vontade", o homem reflete rápido na possibilidade de a família "não aceitar a novidade" e imaginar que "aquilo do cãgado era história dele". Afinal está a levar para casa apenas o que a sua memória conseguiu reter do inesperado encontro com o bicho. Nem traz consigo provas concretas. A maior delas deixou-a na estrada, vagarosa em seu andar, prova viva: o cãgado!

Esta simples possibilidade de que duvidem dele é demais para o homem. E a decisão que toma é por voltar sem demora ao tal sítio onde avistara o animalzinho e apanhá-lo. E só mesmo depois disso, tarefa cumprida, para ele, é que a novidade merecia mesmo esse nome.

Daí o conto.

E aí a mola, propulsora: a preocupação excessiva do personagem, joguete de sua "vontade"; o incrível medo que dele se apossa em relação à alguma desconfiança dos familiares com a "história". Preocupação que o leva de saída a voltar atrás na busca de garantias de que será realmente tomado a sério (e tudo em nome dela, princesa, a "vontade").

Neste primeiro momento, o da dúvida, ele nem chega a cogitar de simplesmente contar o que lhe sucedera, descrevendo o encontro com o Cãgado. Ele superestima o acontecido ao mesmo tempo em que subestima a si mesmo, ao seu poder de fala, à sua capacidade de narrar, convencer os seus ouvintes. Essa a mola, propulsora.

Retornando à cata do pobre animal (que positivamente, já tendo "denunciado da primeira vez", se enfia "buraco abaixo"), o personagem deixa de lado um dos maiores índices de afirmação da sua personalidade, de seu papel enquanto ser vivo e humano: o seu potencial poder de contar, narrar, de falar, convencer, enfim, de se utilizar do seu "discurso" (isso porque se partimos do ponto de vista conceitual de que a troca linguística, a enunciação, constitui-se em um espaço propício ao encontro, exercício e reconhecimento de individualidades, ao anular este espaço, renegando-o, trocando-o pela virtualidade da exibição, pura e simples, do objeto que seria referido por sua fala, o homem, por extensão, anula a sua própria individualidade). Ainda com um belo agravante, para o seu caso: sendo ele, no fim das contas, "muito senhor da sua vontade", é de se supor que possivelmente muito poucas vezes deve ter se arriscado a aplicar "mentirinhas" sob a pena de se ver, e a ela, santa "vontade", desmascarados e ridicularizados. E mais, o homem não é nenhuma criança, é homem, e como tal deve ter atrás de si um lastro de história da vida, de autoridade construída através de seu desempenho passado, de moral algo tanto cristalizada. A sua família tem, na certa, uma imagem da sua pessoa, provavelmente positiva, visto ser ele... Fatores que de uma certa forma, teoricamente, impedem de existir, pelo menos na aparência, motivos tão fortes para que ele "apele" da forma como "apelou".

E justamente aí - nesta atitude que nos revela uma perda da individualidade do personagem, consequência deste buscar de qualquer maneira um elemento externo à narrativa que deveria empreender, um símbolo que autentificasse a veracidade do que lhe acontecera - é que está um dos maiores sinais de modernidade deste conto de Almada Negreiros (não se esqueçam do "teoricamente" do parágrafo passado). Isso por que ele aponta (o conto autor) para um fenômeno que caracteriza a sociedade moderna (e que é corriqueiro nos dias atuais): a descrença/desconfiança na força das palavras, no contato verbal enquanto espaço de encontro e afirmação de sujeitos, na linguagem (também verbal) enquanto meio de representação autônoma e eficaz.

Já foi dito, e muito, que na sociedade moderna o signo linguístico en em crise. A cada momento que passa, a cada dia, os homens mais e mais sentem a necessidade de apoiar tudo aquilo que querem dizer, e que teoricamente exigiria apenas palavras, em outros sistemas de linguagem (visual principalmente) no intuito de facilitar a decodificação. E é o que o personagem faz. Na falta de algum elemento (índice) que possa confirmar a verdade de ter avistado o animal, ele vai em busca do bichinho mesmo. Este virtualmente torna-se-á, ao mesmo tempo, objeto representado e realidade.

O "homem" descre de seu poder linguístico e, escondendo-se atrás da máscara da tal da sua vontade, parte para a solução mais estéril (e fácil), como uma criança de encontro ao blue-jeans da mãe e abrir uma oleosa lata de sardinhas.

A sua atitude é então mais ou menos parecida com o não dizer, com o calar-se, omitir-se enquanto futuro sujeito de linguagem. A "vontade" triunfa, o personagem sucumbe como ser dotado de potencialidades intelectuais. E ele não o sabe (tal vez ela sim); tem de si mesmo uma imagem das mais positivas, mas é tão animal como o pobre cãgado que até "parecia não vir muito a propósito".

Em "O Narrador"², Walter Benjamin enfoca, de forma preciosa, o problema, na modernidade, da interferência da informação noticiosa (e o eco graças ao alto teor desta última) sobre a simples narração. A primeira exige uma pronta "verificabilidade", ao contrário da segunda, que se apoia muito mais na qualidade dos próprios fatos que serão narrados. E o que o personagem faz é ir em busca de um dado concreto que possa avaliar o real de sua "história". Ele dilui-se enquanto indivíduo dotado de condições próprias (seu poder de "contar", sua autoridade, seu caráter) para atestar por si a veracidade do que tem a dizer. E perde uma boa chance de colocar-se no papel de sujeito pensante.

Aí a mola, propulsora.

Já vimos que o "homem" omite-se, acovarda-se, perante uma situação perfeitamente contralável intelectualmente. Ele volta até o lugar onde avistara o animal e verifica que este sumira buraco adentro: algo que abalaria seriamente as pretensões de muitos outros que fossem obrigados a tornarem-se caçadores de cãgado apenas para exibi-lo como prova. Mas isso não acontece com o personagem. Agora que o trabalho exige apenas esforço físico, ele arregança as mangas e vai à luta com todas as armas possíveis. Enfia a mão, o braço, uma vara super-comprida no buraco, e não se dá por ven

cido após saber tudo em vão. Somente após esvaziar 98 (noventa e oito) baldes "dos maiores que há" no escondirijo de sua vítima é que ele titubeia.

De início pensa apenas em dizer à família, simplesmente, "que tinha visto o cãgado". Todavia essa proposta é imediatamente posta de lado. Em nome da rainha "vontade", é claro. Pouco depois, o sol, não ajudando em nada, é que formula para si uma nova proposta: "talvez que fosse melhor não dizer nada do cãgado ao almoço"! E a resposta a esta formulação é prosseguir pondo à prova a "vontade". O cãgado tem roubado de si o papel exclusivo. Dominado o homem, o animal também entra na dança.

A fraqueza do personagem cristaliza-se de maneira direta neste momento. O omitir-se deixa o campo da interpretação a aparece, mesmo que num pensamento rápido, transparente no texto. A partir daí ele vai tornar-se mais e mais desumano, inconsciente. Do medo à fuga, à animalização. Apenas no final do conto é que o personagem voltará à sua condição de homem. E o destino é irônico com ele, o cãgado aparece novamente aos seus olhos na última linha da narrativa. Então já é tarde.

Muito interessante, neste conto de Almada Negreiros, é que o personagem é construído (e a narrativa) justamente a partir da característica de recusar o uso da linhagem verbal para resolver o seu drama mínimo (e a partir, lógico, do fato de ele ser "muito senhor da sua vontade"), personagem este que por sua vez é criado graças à habilidade de um outro ser que se utiliza, neste mágico processo de montagem, exclusivamente da representação desta mesma linguagem antes negada.

Omissão/missão.

NOTAS:

1. NEGREIROS, José de Almada - "O Cãgado", in Contos e Novelas, Lisboa, editorial Estampa, 1970, pp. 109-116.
2. BENJAMIN, Walter - "O Narrador", in Os Pensadores (Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno), São Paulo, Ed., Abril, 1983.